

Victor Mota

Clareira



Clareira

Clareira

Joseph Taigen

It doesn't have to be like this

All we need to do is make sure we keep talking

Stephen Hawking

*Quando perdemos o medo da morte,
perdemos o medo da vida*

Simone Weil

Still crazy after all these years

Paul Simon & Art

Garfunkel

Prefácio

Esta obra, iniciada no mês de Maio, teve entrecortada a influência de meu sobrinho, Rafael. Poderia considerar-me seu pai sociológico, mas não me cai bem essa etiqueta, porque desejo construir a minha própria família e pressinto que isso, um dia, mais tarde ou mais cedo, irá acontecer. Se não acontecer, ficarei conhecido pelos outros como celibatário. Tenho a intuição de que não estou sozinho nesta vida que me traz sempre de novo ao papel em branco que preenche as minhas preocupações, as minhas teorias, as minhas estórias, as minhas ficções. Só espero que o leitor sinta o mesmo prazer que eu senti ao escrever este livro, mais, não desconsidero o poder de imaginação do leitor, porque também o sou, um revisionista dos meus textos, como quem procura a ponta de um grande novelo e pretende desatar ao mesmo tempo os nós que ele tem. Dedico esta obra ao Rafael e à Sandrina, que sempre me tem apoiado e sabe, melhor do que eu, o quanto é difícil publicar neste país, mesmo para alguém que se expressa em português.

1.

Sanchez Ibarte, nos seus 27 anos, licenciado pela Universidade de La Plata, em microbiologia, viaja no ano de 1953 para o Rio de Janeiro, a partir da cidade do México, depois de ter estado durante vários anos a trabalhar em Montana.

O voo demora algumas horas, talvez dez, ou mais uma ou duas, senão três. Estariam perdidos aqueles passageiros? O tempo que o avião tomava para chegar ao rio seria o mesmo tempo que Sanchez Ibarte percebia? Precisava de saber a resposta. Acompanhava-o sua mulher, Henrieta, de nacionalidade espanhola, nascida em 1941, a provincia basca de Hespanha. O comandante teve, dada a duração do voo, necessidade de fazer suas necessidades, pelo que o copiloto tomou o comando da aeronave, tornando-se timoneiro das interrogações de Sanchez, como se comunicassem telepaticamente. Sanches falava com sua mulher, partilhando interrogações e angústias, tal como os outros passageiros. Retomando o comando, o comandante sentou-se em ferentos dos painéis de navegação, enquanto, estando grávida, a Henrieta teve forte indisposição, tendo dado à luz minutos depois em pleno voo. O engenho pousou em campo grande, no Brasil, onde a natureza amazónica se deslumbrava em todo o seu esplendor. Nesses tempos de tortura, procurava o meu caminho enquanto moscas e mosquitos voavam sobre mim, ansiosos por chupar o meu sangue azul. Enquanto isso, eu aguardava quieto e irrequieto no meu canto, enquanto sabia os amigos e inimigos que tinha. Ninguém nunca agradou a toda a gente e quando pensamos que o perigo está longe é porque na realidade está muito perto, pelo que há que estar atento e, tal como surfista, aproveitar a onda. Chegava entretanto o verão, pelo que eu estava ansioso por encontrar uma companhia, perdido em Lisboa há não sei quantos anos. Parecia atrair energias negativas que projetava contra os outros, mas era sem dúvida enervante ser invejado, aborrecido ser temido, pelo que me sentia também acossado, no meu último reduto de solidão, sem sequer esboçar um sinal de defesa. Nisso residia a minha fortaleza. A clareira estava, eu sabia, cheia de armadilhas e havia de ter cuidado onde pôr os pés.

2.

Vivia numa casa que não era minha, o meu pai era o meu maior inimigo, eu sabia que o devia ter abandonado desde cedo, em vez de tentar aprender uma arte que não desenvolvi. Interessava-me por outras coisas, como música, teatro, literatura. Estava farto de antropologia e sociologia, bem como dos jogos psicológicos que pensava lerem-me a mente. Os mais jovens chamavam-me nomes tais como esquizofrénico, enquanto isso, a minha voz interior ressoava naquela cidade como o de uma fera indomável, que aprendeu os truques à custa de muita bagatela. Esquecia, pouco a pouco, o meu irmão e minha irmã, deixava de ser o que estava no meio, pelos que procurava nesse espaço, entender-me comigo mesmo enquanto nem sequer percebia o que havia à minha volta ou, melhor, fingia que não percebia. Digamos que tentava viver uma vida normal depois da vizinha da frente chamara a polícia antes de a polícia eu ter chamado tendo dito que estava atormentado. Quando ela se sentira apertada, sem que eu usasse contra ela violência, dando-lhe importância que não merecia de todo, pois teria sido o segundo a chegar àquele piso, telefonara aflita para a polícia, pelo que a polícia me levou seminu para o Hospital Curry Cabral onde estive dois ou três dias, alegando que tinha médico próprio, e a psiquiatra de serviço ignorava a minha situação, pelo que me sedaram com medicamentos e depois me transferiram para o Hospital Júlio de Matos, onde supostamente, pensavam eles, eu já havia estado, agora lembro-me um pouco de Blanchot, mas enfim, passemos à frente, ninguém me apagava para escrever nem sequer estava ao abrigo de nenhuma instituição, pelo que nada tinha a perder. Sabia que o melhor estava para o fiz e estava atento a surpresas. A energia positiva que estava em mim crescia dia após dia. Pensava em não votar, embora fosse um Indignado. Depois, quando pensei em viajar pela Europa à custa de uma renda de uma casa que não era minha, apareceu, ao fim de muita insistência um casal da RTP (não tenho bem a certeza) e não chegou para alugar. Voltei a colocar as minhas coisas que tive na arrecadação da cave durante dias para a casa que alguns viram como vazia. Estava agora cheia dos meus livros. E sentia-me roubado. Evitava a culpa que me imputavam, mas mantinha-me, a algum esforço, não sei bem precisar como,

tranquilo e atento, fortalecido pelo ódio dos outros contra mim que era, enfim,
casais mais novos.

3.

Entretanto, mesmo ao lado havia um chico esperto que estivera perto de mim e de um treinador de futebol e que estava irritado demais, talvez com mais problemas, muitos mais decerto, do que eu, pensando ele que ele tinha problemas. Esse indivíduo era acirrado por uma pequena jovem que queria ação. Esperava atento, pelo primeiro sinal de violência e não oferecia resistência, pelo que os momentos daquela crise que perseguia todos os portugueses eram os fantasmas que me imputavam. Enquanto isso, pensava que tinha algo de importante entre as mãos, pelo que não passava de mera ilusão, num país que funcionava a cortiça, futebol, Fátima e Fado. Enfim, nunca me sentira verdadeiramente lisboeta, sempre resistira, sabia que havia bastantes como eu pela cidade, deambulando, observando, escrevendo inclusive o mesmo que que, pois, que eu não me julgava único, embora não tivesse preparado para ser pai e por isso me obrigavam a fazê-lo, pelo que por isso mesmo nada tinha a temer, desenhava então o meu caminho perdido pela cidade, no Parque das Nações, deambulando na noite como Voltaire, talvez incendiando aos poucos uma cidade adormecida e indolente. Enfim, esquecera os vizinhos do lado, como diz o povo, entrava-me por um ouvido e saía-me pelo outro, enfim, coisas que não me interessavam para nada nem em nada contribuíam para a minha felicidade. Estava liberto de mim mesmo e dos outros, embora atento às armadilhas que o quotidiano me preparava, sabia que se andavam a canibalizar uns aos outros e eu passeava, desvia-me do meu percurso, negava a droga que os ciganos me ofereciam na Praça da Figueira. E porque me preocupava com os outros? Seria algum bruxo ou xamã? Por ter estudado o que estudei? Nah! Não era nada disso, sonhava ver Lisboa como Nova Iorque ou coisa do género, mas simplesmente eles não percebia a mensagem. Mas, no entanto, alguma coisa estava a mudar. Eu sentia isso à medida que me aproximava do território que os outros defendiam, cruzando vias e sentidos. Tinha naquela altura um ouvido apurado e enfim, sofria todos os males que um filósofo pode sofrer e sem o ser, não seria decerto sequer um ponto de interrogação nem de exclamação. Procura a identidade perdida? Julgava que a tinha perdido, mas confiando em mim mesmo, à medida que avançava, a reconquistava ao passado não pensando sequer no passado.

4.

Quanto às vozes, elas eram decerto odiosas, contraditória, umas ajudavam-me outras não, decerto que em casa não estava seguro pelo que procura estar o mais tempo possível fora de casa de modo a não cair nas armadilhas do sedentarismo e da ociosidade. Procurava, então, não sem risco, ir além das vozes, fazê-las dialogar entre si e sentia-me por vezes confuso outras vezes iluminado, e mesmo que a luz fosse fraca diante dos meus olhos, era forte a luz do meu espírito. Não tinha, naquela altura, algum problema com a lei, que respeitava, mas sabia que estava cada vez mais acochado no meu covil, pelo que quando rodopiava saía que nem um tiro disparado contra o coração dos vampiros que me perseguiam. Vivia só e não me importava muito com isso, a memória e o que tinha absorvido diante do ecrã alimentavam o meu desejo de vida. Andava baralhado, decerto, como muitos outros, mas cava vez mais confiava não no meu passado que me atravessava mas no futuro que me esperava. E o que me esperava?

5.

Essas vezes que se ouviam denunciavam-me como marginal e autor de todo tipo de malfeitorias, enquanto eu passava ao lado e, dia após dia, desculpava-me sem ter necessidade disso. Enfim, por vezes cruzava-me com pessoas no elevador, umas mais simpáticas do que as outras, e achava que isto seria uma comunidade mas afinal as paredes tinha ouvidos e a jovem sentira desejo por mim e não fora capaz de dizê-lo, pelo que procurava conspirar, através do seu próprio medo, e através de um jovem tonto que só pensava em vingar. Inveja, como diz o povo. E bem.

6.

Entretanto, cruzavam-se na minha memória muitos flashes de filmes, pensava que levava tudo a sério mas por vezes brincava com a situação, mas lá continuava, dia após dia, entre Riachos e Lisboa, atento a qualquer situação de perigosidade, esforçando-me por ser simpático com quem me escarrava em cima. Nesses dias um actor jovem havia levado à tela A Bíblia. Pois eu tinha isso em mente e estava tranquilo pois não tinha peso algum na consciência, apesar de me acusarem de mil e uma tropelias, sabia que tinha certamente muitos mais amigos como eu na mesma situação. Enfim, triste vida que se procura levar com alguma felicidade. Enquanto isso, outros vendiam romances aos milhões, quer dizer, lá fora, porque por cá havia quem vendesse menos. Eu sabia que havia gente que se interessava pela minha escrita e entre amigos e inimigos na internet, tinha certamente poucos mas bons amigos.

7.

Procurando recomeçar, António Frias buscava consertar o “inconsertável”, ou seja, o seu passado, onde acreditava ter um link perdido. Fizera duas vezes o ensino complementar, ou seja o décimo, décimo primeiro e o décimo segundo ano, tendo sido um flanqueador de serviço da Secretaria de Estado da Educação, agora chamado Ministério da Educação. Aprendera de tudo um pouco e podia ter sido eletricista ou serralheiro, pois vira essas artes desenvolverem-se diante de seus olhos. Andava, pois, obcecado pela ideia de Karl Jung de inconsciente coletivo de modo a tentar agradar a toda a gente, porém, como isso não era possível, atinha-se na solidão dos seus pensamentos e sonhos, a considerar que podia ter sido construtor civil, como seu pai desejava.

8.

Não tendo o dom da palavra, Severino falava consigo próprio, e não tinha o dom da palavra, mas, como escritor que era, debitava para a página em branco toda a sua maneira de ser e pensar. Não se sonhara nunca falando para multidões, mas como um receptor e portador de ideias, conceitos, sons e palavras e pela palavra se expressava diretamente, passando da intuição à realização pela escrita, deixando pelo meio a oralidade. Com a profícua idade de 35, deambulava de um lado para o outro, embalado por força própria e dos outros, levando decerto mensagem de alguém a algum lugar, a alguém. Quem seria esse alguém?, interrogava-se. Preparava-se assim para o confronto final que seria entregar o testemunho do que continha sua mensagem.

9.

Não podes deter o fogo, pois não és, bombeiro, Narciso, perdes-te diante da água. Talvez por isso o sejas, afinal. E que mal há nisso? Tu próprio acenderas um cigarro no meio do fogo. Aproximava-se o fogo. Irias incendiar alguém ou alguma coisa, Tu que amavas tanto a natureza? Estarias confundindo o tempo, confundindo tempo meteorológico com o devir da Natureza? O que era o Tempo, afinal senão o próprio Deus, criador do Universo?

10.

Entretinha-se a trabalhar online, a jogar roleta russa com os pensamentos, procurando ver se lhe saia algum em sorte.

11.

Depois de amanhã haveria gente à sua espera, algures naquela cidade em que após tantos anos ainda se sentia perdido, dando informações desconexas aos transeuntes, fazendo o que toda a gente faz por circulação externa interna.

12.

Então, nesse dia, nesse dia-a-dia que outros procuravam, tentando sair da racionalidade, lutar com ela mesma, não sabendo que vivemos livres numa prisão, como diria Daniel Sampaio. Nesse instante, percebi que a minha voz seria ouvida, não só pelo meu bom ouvido, mas pelo resgate que me estava sendo imposto, sim, imposto, pois no dia em que os jornais anunciavam o fim de impostos, recebi uma carta das finanças no sentido de pagar actividade que estivera aberta por seis dias e que não tinha efectuado nenhum movimento.

Bem, isto só podia ser uma tragicomédia falsa como a morte de quem se ri e desdiz o que já disse, voltando atrás no que disse, uma forma de encontrar um bode expiatório. Para quê? De que tipo? Quem, na verdade? Sabia que na cidade, fora do país até, andariam outros mais loucos do que eu, pelo que nesse dia tomei decisão de dosear a minha agressividade contida, refreando os medicamentos que me impediam de ver com lucidez. Tinha tido razão e essa razão tinha-me faltado uns dias e depois desses dia em que vi a notícia nos jornais, decidi NÃO PAGAR.

13.

Artemisa voltara a incomodar-me depois de ter ido à casa de banho, para um duche matinal. Eu refreava e abafava o meu desejo, desconfiando que ela não me merecia, pois a minha autoestima era melhor do que a dela. Esquecia-a naquele dia e jurei a mim mesmo que não voltaria. Onde? Como? Porquê? Quando? É isso que os jornalistas procuram? Como não ganhava para contar notícias, não era nenhum repórter de guerra, sim, que o Primeiro-Ministro dissera ao povo “estamos em guerra”, sim, guerra económica e financeira, da direita à esquerda, através da qual nascia um movimento apartidário que se procurava afirmar nas ruas do país.

14.

Pelo que, no entanto, apesar de ter remédio para tudo, o governo continuava persistindo, não filtrando a informação que lhe chegava de Bruxelas, pois lá pouco português se falasse, embora fossem também língua oficial dela mesma. Um jovem, de 42 anos resolveu ir de bicicleta até Paris e daí rumou a Bruxelas para fazer ver aos burocratas do Parlamento Europeu, que ele merecia ser eurodeputado. Que nome teria esse jovem? Amava a política ou preocupava-se apenas consigo mesmo? Eis então aqui a questão do indivíduo e do grupo, da interdependência e intersubjetividade que se aloja na mente dos indivíduos, dos sujeitos, se quisermos.

15.

Sabia Genaro que não podia humilhar ninguém, embora tivesse algumas vezes, e não foram poucas, sido ele mesmo, objeto dessa “especial atenção”. E teria alguma razão para se vingar? Iria vingar-se ao acaso ou escolheria o alvo certo, que era sem dúvida Francisco. A psiquiatria estava ao mesmo longe e perto da sua mente e procurava nessa altura resolver, após apurado estudo, o problema cérebro-mente. Estariam os outros interessados no que ele se resolvia a fazer? Porque não ser mais reativo? Porque não responder às ofensas? Decerto não era vítima nem carrasco. Quem seria então Genaro?

16.

Tal como Sebastião Frias dissera um dia, a vida faz-se através e depois da vida, haveria decerto alguma vida depois da vida. Tinha decerto uma libido confusa, mas lidava bem com isso interiormente, não sendo exibicionista nem perentório. E então, depois de passada a estação das chuvas, lá longe, na floresta onde se anotava uma clareira, procurava então, através da leitura e da experiência quotidiana, encerrado numa cela de quatro paredes, fazer sentido, um sentido existencialista. Camus teria alguma razão? Nesse caso, porquê duvidar de Michel Onfray? Porque não convocar outros autores que o fizessem compreender o que era a natureza humana, animal, vegetal, mineral, sim, o que era a natureza, palavra que remetia imediatamente para um cenário bucólico, que nada tinha a ver com o que se passava na televisão e nas séries que a televisão passava. Então, como educar alguém? À lei do sufoca e da porrada? As crianças devem crescer livres e a fronteira entre elas e os adultos deve, não sem dificuldade, ser delimitada a tracejado e atravessada como o peão atravessa a passadeira.

17.

De um momento para o outro, o eco de seu pensamento projetava-se para além de si mesmo. Que fazer de útil com essa Verdade? Que fazer com a verdade e a natureza? Natureza e verdade não seriam uma e a mesma coisa? Talvez sim, talvez não, antes porém, num fundo aberto, numa mancha azul e encarnada, sem citar Eugénio de Andrade, projetava-se para além da psiquiatria, pelo que a ela regressava pela voz da experiência, sem perder o furor dos velhos tempos de adolescente. Sabia que a libido, o desporto e outras possibilidades como a boa-vontade, sem citar autores americanos e ingleses, estaria condenado a repetir o seu lugar de nascimento e sabia, Genaro, que quando chegasse ao seu local de nascimento, que já não existira, seria confrontando com a vida, com o retorno a si mesmo e ao ventre da mão, como num filme americano que Brad Pitt protagonizara.

18.

Entretanto, Berg continuava sua peregrinação (espiritual) rumo a uma Verdade Escondida, já que descobrira a verdade sobre si mesmo e estaria para além do limitar do citado Sócrates “Conhece-te e Ti Mesmo”. Procurava, então, conhecer os outros, do Big Brother à fraternidade, escalando montanhas, descendo picos, munido de bagagem para o frio e o calor, de alimentos não perecíveis que garantissem que não apenas sua alma completa como seu corpo continuaria intacto através da descoberta dessa verdade, que não seria a morte nem o suicídio, mas o encontro com um alma-gêmea, alguém com quem pudesse entender-se durante uns tempos e falar dos outros arbitrariamente como quando fizera em criança na praia com o seus amigos de infância, e isto não é uma referência a Freud.

19.

Heloísa, naquele dia de rumor, arremessava a mesa pela janela fora e partira duas moscas ao meio. Odiava moscas. Talvez porque as compreendesse, tal como Erasmo, num determinado livro sobre humor e filosofia, fora caricaturado como tendo o estômago ligado ao cérebro. Saira naquela tarde de 1934 para junto de suas amigas Genoveva e Prokofieva, para mais uma aula de história e cultura americana. Enfim, os americanos tinham a sua história e talvez a valorizassem melhor que os europeus. Enfim, contingências da Verdade.

20.

Teodoro ficara parado consigo mesmo naquele dia em que esquecera sua mãe, regressando aos domínios da floresta e a clareira não era assim tão desagradável, afinal havia vivido numa outra citada, citada anteriormente, com muitos mais problemas. Talvez estivesse no presente-passado com um pressentimento do perigo que corria. Estaria fora do contexto? Seria o mundo louco? O que seria o mundo quando tudo se acabasse para ele, decerto acabaria seu mundo, ou talvez alguém se esquecesse de seu corpo e por fim sua alma se libertasse em esplendor de crisálida, misto de macho e fêmea, muito para além do platonismo ou do neoplatonismo. Não, o mundo não estava louco, atravessavam alguns indivíduos a fronteira entre normal e anormal (a que se chama de loucura), pelo que regressava à normalidade quando mais lhe conviria, segundo as circunstâncias; seria assim, como um outro escritor vindo de África dissera, um camaleão sem desgosto. Mas não tivera esse romance outro nome? Em quanto tempo se pode medir o tempo, Deus, O Infinito, o Espaço, a Longitude e a Latitude? Não, Teodoro não era nenhum fantasma, como diziam os jornais daquela época para com os portugueses, abatidos pela maior crise da sua história. Era um ser vivo, por cima, por baixo, ao lado e em redor dos outros, deambulando de dia e dia pela floresta de cimento, sabendo que a clareira seria o seu palco já inventado.

21.

Que haveria para além da Torre de Babel? Talvez desejos circunscritos, pretextando novas possibilidades de encontro, afinal, para Genaro, era verão, mesmo que a meteorologia anunciasse uma quebra significativa da temperatura e talvez alguma chuvinha. Estávamos então no ano de 1254 e as saídas profissionais daquele tempos para os pobres em dinheiro seria o claro ou a milícia. Feudalismo, como explica notavelmente Georges Duby, um historiador que analisa uma Idade Média que não é assim tão seca quanto muitos julgam. Está escondida através do tempo, perdida noutra dimensão, os seus habitantes, de qualquer e determinado lugar, foram teleportados para o futuro e muitos ainda vivem, num choro existencial, numa autocomiseração que lhes impede de se gabarem dos seus êxitos.

22.

Miriam e Genaro procuravam então, juntos uma solução para apenas um problema, estando desfocados todos os outros, mas Merleau-Ponty explicaria isto melhor do que o narrador. Sujeitos então à consideração de si mesmos, esses sujeitos pensantes, teleportados (não é isso a ressurreição da carne?) para outro espaço, para outro tempo, divertiam-se enquanto explicavam em diferentes línguas uns aos outros qual seria a linguagem perfeita para a humanidade, confusa na sua diversidade, porém, uma anarquia ordenada, o que faziam decerto algum sentido. E que sentido faz o sentido? O que é o sentido? Sim, muita para além do diálogo interior, o que há na intersubjetividade que justifique os nervos, a tensão, a violência? Decerto que Genaro e Miriam encontraram isso mesmo os dois, tal como Teodoro, sozinho, através de gelo, neve e calor, obedecendo à Natureza, essa palavra que nunca compreenderei...

23.

Que sonhos, de entre os que dispomos no cotidiano, podem ser concretizados? E que esperamos nós para além sonho? O sono? Uma terceira vaga, ou via? Um terceiro instruído? Alguma razão para além da esperança, esperança sobre esperança, chegaremos algum dia a perceber a economia das emoções, que talvez seja o verdadeiro segredo, bem o disse Damásio, da natureza humana. Há, portanto, muito caminho pela frente, que passa por quebrar e respeitar as rotinas, compreendê-las, conformar-se e chorar por vezes, depois de estarmos obcecados com o sujeito, de modo a fazer sentido pelos sentidos que habitam esta nossa casa, Terra. E o que é a alma humana senão um poço sem fundo? Esta imagem nunca abandonou Teodoro, que procurava, no fundo de um poço, algum bem material que lhe escpara para sustentar seus quatro filhos. E o que parecia trivial, comunitário, veio a tornar-se numa aventura pessoal que o poderei levar longe, muito para além do mero existencialismo.

24.

A voz da consciência quebrava, provocava, enfim, ainda havia, para além da troica de Bruxelas e do FMI, alguma liberdade de expressão. Segundo a constituição? Segundo o povo? Seguindo o povo. Esse povo, que os cientistas preferiam chamar de população a fim de servir as estatísticas, desenhava na voragem da luz que cega os menos atentos, todos aqueles que atravessavam dificuldades de trabalho, de alimentação, de projecto de vida, desnorteados, desorientados, uns aos lado dos outros, como se fossem caixotes do cemitério do Alto de São João, quase engavetados por uma ameaça global que escorriam pelas paredes de São Bento e da Assembleia da República. Que mais fazer quando se ouviam várias vozes, em harmonias, desafiando-se, subindo a torre para dela decerto, como de uma ponte com rio lá em baixo se se tratasse? Bob Dylan teria alguma razão na sua canção, assim como Emir Kusturica....

25.

Deixar passar o tempo. Dizem que o tempo tudo sara, mas se não corrermos em contrarrelógio bem nos podemos perder, desnortear, se bem que isso não signifique verdadeiramente o Inferno. Entretanto, enquanto falava e não falava com os vizinhos, apareceu alguém junto à porta, escutando as teclas que se faziam suaves na claridade do horizonte. A tarde descia, depois viria outro quarto minguante, e nós procurando ainda sentido no meio desta alvoraçada tempestade, pelo que a clareira ficou um pouco mais estranha e esquisita do que no início, em que éramos desconhecidos. Entretanto, como K.L. fora o primeiro a chegar, depositou confiança dos vizinhos que vinham propositadamente acusá-los de todas as malfeitorias e doidices que jamais cometera e já mais cometeria. País triste, este, aldeia maldita, aquela. Sabia naquela idade que estava no país errado, desde há muito tempo, pelo que suportava a culpa que os outros lhe atribuíam com estoicismo. Sabia também que era ludibriado e roubado a torto e acusavam-no de tropelias sexuais, tendo sabido de antemão que fora vítima de abuso.

26.

Havia Manuel estudado história? Havia sido cavaleiro, decerto, às ordens do Rei de Espanha, rei que concedeu a Independência a Portugal em 1640. Nada demais, o resto é psicanálise lacaniana e quem lucra com esses termos e classificações não são os cientistas sociais mais sim aqueles que fazem da saúde um negócio. E então? Voltar para trás na história, sabendo que temos genes de Castela, então em que cidade teria vivido esse cavaleiro, que amou várias mulheres e voltou mais tarde à primeira? Como se chamava ela? Tristemente, estava já casada com outro, mas o filho era dele, pelo que não pôde porfilhá-lo, como se diz em vernáculo.

27.

?!

Perguntava Antero por que ilhas tinham passados os genoveses e canossianos. Muito mais que os Genoveses. Nessa altura, o país estava como está hoje, em sangria, enfim, não estamos diante de algum texto de carácter histórico o biográfico, se insistem. Voltar a esses tempos seria sobremaneira difícil e tormentoso, mas enquanto comia um pouco de salada russa importada da Polónia, buscava o sentido, tentando explicar pela via filosófica o que se podia explicar pela via biológica. Talvez Antero deveria ter estudado biologia. Não, não falamos do poeta Antero de Quental, cuja afamada loucura contagiou, como o fez a de Sade, vários adeptos que se estendem através de gerações.

28.

Então, estudando a sequência do seu ADN, Antero procurava regressar ao futuro em contracorrente, num barco abandona que deu à costa numa ilha, talvez fosse esse o caminho de Papillon. O velho Papy. Herói que, como muitos hoje, estão longe, alegremente perdido, ora suspirando pelo território deixado ou divertindo-se, tentando esquecer, tentando mudar de identidade, porque, como disse atrás, também este Antero era um camaleão, por isso a clareira, aparentemente perigosa, poderia gerar a partir desse conjunto de manifestações e influências exterior, através do cruzamento da possível implosão de sua dedução, podia ser, como se costuma dizer após tempestade a bonança, um lugar calmo e tranquilo.

29.

Não tendo nada mais para assimilar, projetou para a ponte distante na noite, antes de outras que havia, uma à esquerda, outra à direita, o seu espírito insistente, revendo velhos papéis escrito na Mesa de 1986. Manuel, então, estava em terras erradas? Não, certamente, estaria mais seguro do que naquele lugar onde seu sócia habitava? E porquê questionar? Porque não afirmar? Sim, afirmativamente. Como a firma Pereira, que naqueles dias tentava sair da crise, recorrendo sem dúvida a um certo número de advogados, Manuel, procura dizer de sua verdade própria, mesmo sabendo que corria o risco de implodir ou explodir pelos reflexos que os seus olhos traçavam, minuto após minuto.

30.

O que outros resolviam com o corpo, ele, lá está, resolveu com a mente. Esse ser tinha um nome provisório, que em breve se lhe apareceria como definitivo, prolongando-se após sua morte física. E pensar na morte da alma? Será que a alma é imortal, pergunta-se a humanidade desde o seu nascimento até Platão e quantos, quantos outros depois de Platão discutem esse tema enquanto outros se fazem à vida porque ela é certa, quero dizer, a morte física. Pois quanto à imortalidade da alma, fiquei-me pelos Diálogos de Platão. Teria então alguém voltado, obedecendo a alguma forma de espiritismo, do lado de lá, do Além, para contar, incarnar, como acreditar os hinduístas, budistas e cristão? Talvez sim, talvez não. A cada cabeça, sua sentença? Mas talvez seja melhor não pensar demasiado tempo (sozinho ou acompanhado) nisso. Talvez o melhor será acreditar, viver cada momento como se fosse o último. Ai está a chave do sucesso e do empreendedorismo.

31.

Cansado, mas cheio de esperança, Genaro deixou para trás Genoveva com seu filho, para trabalhar na construção, pelo que enviava dinheiro constantemente, ou seja, de semana a semana, para a sua mulher e seu filho. Trabalhou então durante 13 anos para sustentar a sua mulher e seu filho, que haviam regressado à terra de origem, enquanto ele, longe das tarefas domésticas, esforçava-se para que seu filho pudesse crescer e frequentar a escola.

32.

Raiva ao serviço da Justiça? Bem, seria melhor vida para Genaro e sua companheira, que também se sentiam injustiçados por não terem emprego para dar de comer aos seus dois filhos, Beatriz e Matilde, entretanto, rumavam a norte com esperança de regressar a cas, olhando para trás para andando num banco no sentido inverso da direção daquele Expresso do Oriente. Iriam ele para onde? Não certamente para o Japão nem para Ushuaia, mas para Vladivostok, tendo passado por Odessa e Riga. Viajavam assim numa caravana que seria para os quatro aventureiros que haviam saído do seu país devido a problemas económicos e outros que não convém por ora nomear. Longe estava a América, ou talvez mais perto do que julgavam, estaria bem perto decerto, pois faltava passar o estreito de Bering e estariam em território americano. Enquanto isso, outro casal procurava ter um filho a Oriente, e longe que estava o mediterrâneo e o atlântico (quanto mais a Atlântica, que toda a gente sabe que são os Açores), encontravam-se com a criança prestes a nascer, tendo Eliane cinco meses de atraso e Berg as angústias devidas a um homem chefe de família. Em que cidade iria nascer a criança? Chamar-se-ia certamente Rafael ou usaria um nome local. O nome, por vezes não é apenas um nome, nem apenas um conceito, a maior parte das vezes é apenas um nome. Um nome. Depois, há as alcunhas. A cada um a sua, não há problema. É interessante como as alcunhas dizem mais dos hábitos de uma pessoa que o seu nome de nascimento, atribuído pelos pais. E qualquer pessoa pode mudar de nome. Pois tudo é mudança, composto de mudança, como diria Luís de Camões e cantaria José Mário Branco.

33.

Enquanto isso, corria o ano de 54 do século passado, outro casal procurava refúgio em França, depois de ter escalado o Monte Branco, pelo que foram aconselhados a ir até Itália, lugar onde havia história e catacumbas para visitar, enfim, eram turistas como os cá temos. E não são poucos. Bastantes até.

34.

Enquanto isso, Mefis removiu-se no seu buraco escuro por se ter metido onde não era chamado. Estava feito com Diabo. Afinal de contas, quantos nomes tem ele? Segundo a Bíblia, Satanás é o mais frequente. Vendera a sua alma ao Satã? Não estaria Satanás convertido ao Bem, já que o mundo estava ao contrário? Enfim, coisas do passado e que não se esquecem tão cedo. Deixemos essa tarefa para os teólogos. Mas não terminamos este ponto sem dizer que se o homem estuda Deus é porque se estuda a si próprio, pois cada um de nós é também deus, à sua maneira, umas vezes, e também diabo, quero dizer, a moeda, ou uma medalha, tem sempre uma face e outra, tal como este texto tem voltas e reviravoltas. Mas não me esqueço da cena preferida da Bíblia (ou de um filme bíblico) em que Satanás oferece o mundo e o poder a Cristo e este o recusa, sabendo a tarefa a que estava para se acometer. Essa imagem em movimento persegue-me, é a minha sombra. Custa ser cristão. O escritor inglês C.S. Lewis disse isso melhor do que em *Dore Cristianismo Puro e Simples*.

36.

Dias seguidos, um após outro, Genaro apercebeu-se de que era tempo de parar, porém, estava preocupado, como que imerso numa espécie de contradição entre si e a casa que habitava, que lhe seria concedida alguns anos mais tarde. A casa pertencera a um tal Antunes, talvez familiar de Madalena.

37.

Estereofonicamente, o jovem Tico labutava em seus afazeres escolares e era, diversamente do irmão, dotado para as TIC, as novas tecnologias. Bati aos pontos o tio Andreus, que estava ficando um pouco enferrujado e que oscilava entre a preocupação com coisas mínimas e a preocupação com coisas máximas. Era ambicioso demais, há que dizê-lo com frontalidade. Um pouco de modéstia não faz mal a ninguém. Talvez tivesse filhos, porém, nenhuma de suas ex-namoradas lhe aparecera ainda à porta ou lhe telefonara dizendo “olha, tenho um filho teu”, portanto, o homem não era assim tão bacoco, pelo que, depois de ter visto *Lost in Translation* só lhe apetecia zarpar com uma pilha de livros de Blanchot para traduzir. Enfim, ossos do ofício. E os ossos, como fora visto por sua mãe, Sílvia, também se partem ao mínimo esforço, de uma ou de outra maneira, subindo escadas íngremes ou escorregando num piso molhado. Ainda naquela cidade, para além da cidade, Andreus encontrava-se perdido, ouvindo várias línguas que o comprometiam a escrever e traduzir tudo para o papel em branco em português, ora confiando na sua máquina de escrever, ora confiando ao lápis Viarco e ao papel as suas reflexões e apotegmas.

38.

Audreus percebera aos 44 anos que deveria ter deixado a família mais cedo, e ainda não estava desligado dela e conviria que não estivesse, porque tanto eles, a família, estavam ligados a ele, como ela, Andreus, estava ligado à família, como a antropóloga francesa Françoise Héritier explicara. Por isso, laços de sangue, de família, são importantes, e depois de uma vintena de anos naquela cidade, refugiava-se na clareira mesmo correndo o risco de , acocorado, pudessem abrir os holofotes sobre si, precioso, como gente à procura da um iluminado onde estava apenas um ser humano tentando proteger-se das vozes que lhe atravessavam a mente e se repercutiam em eco na sua cabeça que se esvaziava como balão cheio de ar e oxigênio. Naquela clareira, todos sabem mais ou menos o que é uma clareira, havia um fundo de verdade, um pouco de selva, uma cena de filme acontecida, uma passeadeira e uma passagem sob a calçada portuguesa, que se desfilava diante de gigantes que ora caminhavam ora corriam, algum com esforços, não, a maior parte com esforço, tentando fugir ao medo de morrer por sufocação. Fobias, como dizem os médicos.

39.

Enquanto se fazia noite e a luz ainda estava acesa, o seu pensamento estendia-se para além das vias de compreensão humana, estendia-se numa paisagem onírica onde se misturam corpos (Michel Serres, *Filosofia dos Corpos Misturados*), medos e confidências. E que saudades havia para Genaro, a nossa personagem principal, das confidências, dos desabaços, de falar com alguém longamente, sem recorrer a fintas e subterfúgios, procurando ser natural numa cidade em que os homens e mulheres eram uma e outra coisa, uns sendo iguais a si próprios e outros procurando fugir disso, e não havia certamente nenhum mistério nisso, afinal o mundo, como diria o seu amigo brasileiro Redlich, estava conspirando a seu favor. Bastaria estar atento aos sinais. O certo é que Genaro estava farto de fazer força, umas horas descansando, outra regressando ao seu trabalho por turnos na fábrica de azulejos onde trabalhava há cerca de 7 anos.

40.

Enquanto prosseguia viagem, Genaro e sua mulher chegaram então a terras americanas, onde se sentia por aquele ano de 1978 uma segurança de certo modo segura, como devo dizer, a América, tanto quanto sabemos, é um país onde há segurança e a qualquer momento, por haver tanta segurança, o perigo pode estalar e desenvolver-se, como aconteceu há pouco tempo, poucas semanas, para ser mais exato, com a maratona de Boston. Tratou-se então de mais um atentado terrorista, pelo que o rasto do islamismo radical pode ser perigoso para os mesmos. Podemos também nós aprender que o ecumenismo é um caminho que se faz constantemente através do diálogo. Pena é que muito se refugiem em suas crenças para agredir e destruir outros de crenças diferentes, enfim, conflitos de crença que só uma antropologia da crença, a ser empreendida, poderia explicar.

41.

Certos mergulhadores, baixavam à profundidade do mar, para descobrir qualquer coisa que ficara presa no Tempo, na história dos homens e das coisas que o completam. Aí, nesse acidente –falamos do naufrágio do Titanic– algo de trágico aconteceu, como nos recentes acontecimentos no Japão e o Tsunami no Índico. Digamos que a natureza está revoltada com o homem? O homem luta então contra a natureza, sabendo que tem uma natureza humana, e não nos cansamos de o repetir, essa luta pode ter um resultado bem nefasto para o homem. Muitas vítimas ficaram pelo caminho, inocentes, desta luta mundial, desta saga impar. Outros sobreviveram para contar a história, tal como o narrador conta as suas e as dos outros no sentido de deixar, claro está, alguma luz para quem vem atrás. Muito foi perdido, mas alguma coisa, talvez mais valiosa do que se possa pensar, foi feita. Veremos se o Tempo nos dará alguma razão, dizemos isto sem nenhum sentido de provocação. Nem sempre os autores mais famosos são os mais importantes na histórias das ciências. Muitas das vezes, como muita a gente sabem, a história universal encontra-se ancorada, tal como navio que erráticamente vagueia na superfície das águas em alto mar, por essas personagens charneira que, sob o manto da solidão, carregam sabedoria que neste mundo deixam para boa continuidade dos que estudam e trabalham, para preservação da raça humana.

42.

Passeando-se pela mata, deixou Genaro sua mulher em casa e agradeceu aos deuses ter chegado à clareira, onde sentia bem, com instantes de humor intercalados com discussões filosóficas acesas com companheiros de curso. Porém, numa noite de 1956, deteve-se, depois de ter estado bastante tempo na clareira, sob a luz dos holofotes, como um ator num anfiteatro, tecendo um solilóquio infinito, Genaro abandonou a clareira e rumou para sul, para terras da Arábia, onde muita aventura e surpresa o esperava.

Fora do LUGAR

1.

Quando em pequeno, Artides, com o seu amigo Boulard, andavam de um lado para o outro, com o bolso cheio de artimanhas e caçando ninhos de aves de várias espécies, como tentilhões, canários, bicos de lacre e, claro, pardais. Que temos mais para contar, muitas ou poucas coisas, de acordo com o que pensamos, com a nossa memória de infância, totalmente feliz, pelo que nos reconciliamos com ela.

Nesses tempos, jogávamos rãguebi, futebol com bola de ténis e caixas de fruta de madeira que serviam de baliza. Quem jogava em casa tinha um tijolo ao alto e, Puxa!, como era difícil fazer golo naquela baliza!...Jogávamos também ao salto em comprimento, em que eu, mais novo que meu primo e meu irmão, saltava uns dois metros e dois, nada mau para a minha idade. Gostava de embalar e por vezes ficava à frente deles. Por vezes o dramatismo estava contido nesses dias, em que frequentávamos o Clube Recreativo e Cultural. Bons tempos. Brincávamos todos uns com os outros e por vezes um deles se enervava e corria atrás de nós, o nosso grande amigo Xavier, mais velho do que eu, com quem sentia empatia e gostava de o ver alegre na sua condição. Remexia eu o lixo com Boulard, o lixo da cabeleira e lá apanhei alguns objetos interessantes, sim, remexia no lixo quando era pequeno... Enquanto crianças, não nos preocupávamos demasiado com a sujidade, sabia bem ver sair a sujidade das mãos e depois almoçar em família. Enfim, vencíamos Freud aos pontos. Não pensávamos demasiado na escola, cada um tomou o seu caminho, uns continuavam para a Secundária, outros, precisando de dinheiro para alimentar seus pais, ia trabalhado. Nós éramos privilegiados e mais tarde, a partir dos 13 andávamos nas obras com o nosso pai, e eu até me armei em espero pedindo ao meu pai salário (75 escudos à hora para mim, 90 para o meu irmão) e meu pai ainda está pensando nisso, pois é. Estava armado em defensor do trabalho infantil...

2.

Naqueles dias, sentia-me perseguido pelo número 35, pois entrara à justa nos meus estudos, fora praxado com a devida vénia e depois andei “surrealizando” por aí. Nos anos da faculdade, tinha diversos amigos, entre os quais o mais fiel fora Carlos Frias. Ouvíamos a música no apartamento onde vivia só, por cima a minha lia. Depois, como pensava demasiado em mulheres, falando em cú, obcecado com o ditado popular “vamos ao enra-bar?”, puxa, que trata em espetava e só consegui uma mulher no fim, mesmo no fim do curso. Tanto disfarce para nada. Descuidos... Entre julgar-se o centro do mundo e estar fora do centro é um grande problema para-filosófico diria até plim plim em favor do pampsiquismo. Da-se...

3.

O artista Gottfried Helnwein apelidou uma obra sua de Lulu, obra essa datava de 1988. Estaria fascinado por quem? Pela fascinação? E o que é que tem a ver o tutu com as calças? Nada, aparentemente, o pior é ser filmado na casa de banho, por onde se lêem revistas e livros, tantos livros, por onde se encenam vozes de jovens revoltados que não sabem esperar. Pois, a virtude, das primeiras, é saber esperar. Complexos? Amplexos? Disformidade? Genialidade? Medicina? Estarão uns feitos com os outros, ou o niilismo resultou em desenvolvimento na era pós-cristã em que vivemos actualmente. O secularismo não existe? Existe, porque vivemos o momento. O momento de cada dia, relembrando a história, contando prodígios que nos narram a alma. Voltaremos daqui a instantes ao afago da infância. E ainda temos a adolescência para imprimir...como quem corre para tirar toxinas e alcatrão. Alcatrão sob alcatrão, o homem transforma-se em máquina oleada pelo sangue (de que cor? -perguntamos) e a espuma que se verte pelos pés de atleta.

4.

Pensei durante muito tempo que seria este o meu número da sorte. Andei enganado, enganado por muita gente, durante muito tempo, enganando-me também a mim próprio. Fui fintado? Decerto. Mas nem sempre as obras são como edifícios físicos (há quem acredite que sim, e ainda bem para eles). Eu acredito que a persistência, mesmo na escuridão, é a rainha de todas as batalhas. A luta consigo mesmo é o resultado da luta de uns e outros consigo-mesmos. Ou será de outra maneira? Deverei invocar que outros autores, se estou para além da tese. É certo que estou para além da física...estarei além da metafísica? Não, estou num território que me foi transmitido pela leitura de duas obras de etnoficção de João de Pina Cabral, professor catedrático no IUL. Peguei nessa ideia e desenvolvi o conceito, acompanhado com um pouco de etnofilosofia que, para mim, não trata apenas da tradição filosófica dos africanos, mas poderá ir mais longe que isso, ao encontro do verdadeiro tesouro humano que é a humanidade, com todas as suas contrariedade, discussões, guerras, sofrimentos psicofísicos e por aí em diante, numa lista interminável daquilo a que chamar, como diria Lévinas e Heidegger, o existente, o dasein, o tender para a existência e prolixidade futura.

5.

Enfim, também não me quero julgar como árbitro em problemas alheios. Sou antropólogo de formação e estudei teologia e filosofia e está ficando cada vez mais longe a obsessão da infância... dizia que a etnofilosofia poderá ser um caminho e um sistema de problemas de longo alcance, pois trata-se de um cruzamento de dois campos similares, cuja fronteira é preciso separar para unir novamente. Digo etnofilosofia, seguindo a tradição francesa e piscando o olho à antropologia social (que é britânica), pelo que se poderia, como já acontece noutros países, chamar de antropologia filosófica, na esteira do caminho traçado por Ernst Cassirer na sua obra *Filosofia das Formas Simbólicas*. Sim, claro que a arte também faz parte desse sistema ambicioso que se destina a perceber o que é do território do humano e o que não o é.

6.

Entretanto, quando menos esperava, uma certa regressão, tipo autoajuda, se apossou do meu espírito e deixei de lado Descartes, Damásio e outros. Automóveis circulavam errantes no asfalto, colavam-se os sapatos no acelerador e faziam suas curvas, enquanto outros, em diversas línguas, se exprimiam, ora em pé ora sentados em infinitas sanitas. Os fiscais pareciam, como saltitões de classes, diria Durkheim, mas para essa expressão chegou tarde demais. Disso me apercebi que estavam todos, não digo todos, mas alguns, gozando comigo, consigo, com todos vós, consigo leitor, com o mundo que cada um tinha como réstia de alguma voz contida em constante intermitência. Nesses idos anos 90, fazia-se ao mar a política do toma-lá-dá-cá, por assim dizer, da troca, antes de aparecer o Euro que nos veio tramar a vidinha. O vento soprava por enervamento de outras instâncias, onde se formava uma conjura contra um autor que pensava que havia liberdade de expressão no seu país. “Vai para a tua terra!” – diziam uns. “Saia daqui” – diziam outros. Por isso não havia tranquilidade, o pensar era fonte de inquietação e ao mesmo tempo ignorância, doce e tranquilizadora ignorância. O seu romance deve amadurecer, como uma árvore que dá frutos. “Dê tempo ao tempo, homem!” – diziam outros, enquanto alguns viajavam para a Índia e China, sem mencionar o Japão, aventurando-se em perigosos perigos.

7.

Mas voltemos às aventuras de Artides e Boulard. Dois amigos inseparáveis, em progressão na adolescência, uns com os bolsos cheios de tudo, outro com os bolsos cheios de nada. Por isso se entendiam tão bem. Boulard trocava por vezes as voltas a Artides e este nunca se enganava no que de mal dizia. Verdades quase verdadeiras, enfim. Nesse instante em que Boulard, no estádio da palha, se apercebeu a periculosidade do pecado, voltou a si mesmo e fugiu, por se queria afastar e pensar um pouco antes de se contagiar, ao contrário do que alguns faziam. Mas não era o único. Houve um professor que não o reconheceu no momento em que voltou. Pois bem, gostariam ambos de vitória. A competição os separou. Ajudar quem nos ajuda –diz o povo.

8.

Nem sabia o que lhe esperava? O cadafalso? A morte, disfarçada de mil e uma pessoas, que atravessa munido de seu espírito para ir ter com seus amigos. Estava farto de boas vontades, de ser optimista, de ser pessimista, de chavões psiquiátrico. Queria apenas escrever, pois sabia que por esse caminho conseguiria resolver enigmas que se prestam à percepção da realidade. Queres fama?, diziam-lhe ao ouvido a longa voz, pois Artides, mais do Boulard, viajavam por essa Europa complicada à procura cada um da sua amada e em Toulouse se dividiram, indo um para norte, outro para sudeste.

9.

O jovem Alain falava para sua dama que estava enervado com o que se passava, achava que o mundo estava louco e ele, que não dissera o seu nome, tinha fobia de elevadores, não porque se adivinhasse restrito, bem como tinha fobia de multidões, que dando um ar de sua graça, esgueirando-se ao caminho, tinha dificuldade em compreender quem começou a dar quecas ao desafio, pois então queria festa e a festa tinha começado. Engraçado como um jovem executivo ou coisa desse gênero pode ter inveja de Boulard, um homem com charme e energia mais do que suficiente para o derrubar. Onde se passava toda esta tarefa? Talvez num país ignoto do mundo, que regressava à crise em que estava metido, vivendo um dia após outro como se fosse o último. Essa voz incômoda trazia mundo rancor no seu interior, nem sequer era masculina, parecia de um saltitão que envenenava o prédio, talvez precisava de andar, lá está, na construção de edifícios mais baixos, como residência, porque, lá está, tinha fobia das alturas.

10.

Descoberto o padrão de comportamento de Alain, viu-se que o jovem trabalhava demais e recebia demais e não sabia o que fazer ao dinheiro, juntamente com a professora que se enervava como uma barata tonta. Até faziam um bom par. "Até fazer pião", como alguém disse. Por isso também Numa se considerava insatisfeita pelo seu enamorado e promíscuo Alain, que se sujeitava a sevícias morais e corporais até mais não. Destilava ódio, torcia pelo FCP, vá-se lá saber o que isso é, enfim, o cerco apertava-se e quem se queixa é quem larga a ameixa, como diria Artides.

11.

Certo dia, ela disse-me para perder o medo. Perdi-o, onde está ele? Disse-me para não entrar em capelinhas, mas foi ela que gozou comigo pois achava que eu não conseguia comer. “Vi-te e comi-te” –disse-lhe. Enquanto isso, o pescador deu-me um murro nas ventas e eu caí para o lado, de tão bêbado que estava. A memória atraíçoa-nos e por vezes em vez de escrever ficção científica, procuramos no fio do passado, ou de vidas passadas, a justificação para o caso de não estarmos bem no momento. A casa tem de tudo um pouco. Um pouco de tudo também sei. Bombarral, 1989.

12.

Bêbado de café, continuava à procura da verdade, quando a pressentia nos meus sonhos, instantes de REM em silêncio, deixando a música ecoar dentro de mim para me salvar dos pesadelos. Enfim, a consciência não me abandonara. O meu método dera resultados. Já confessei algures o meu método de escrita e vou repeti-lo: um fundo mural ameaçado pelo obsceno faz tremer e vibrar a consciência e assim se gera a inspiração. Portanto, eis mais uma vez um nó que há por desatar. Tenho dois ou três nos meus atacadores dos sapatos castanhos abrilhantados e saio de casa com eles assim, com os nós por desatar, enquanto envio informações em direcções diversas a fim de chegar, de continuar o caminho, um caminho, e que caminha também quer cama.

13.

Um grande problema é que quando somos jovens não nos importamos com as consequências. À medida que envelhecemos, podemos tornar-nos mais cinzentos e inquisitivos, porque olhamos para as consequências dos nossos actos, tendo aprendido com o passado. De Leonard Cohen a Arthur Miller (nomeadamente Anaïs Nin, veja-se a ironia deste nome...) há de tudo um pouco na Oficina do Saber em que trabalho. Um projecto, para além daquele de criar uma licenciatura em filosofia. Enfim, como diria René Girard, não há almoços grátis.

14.

O melhor estaria guardado para o fim, e já que no dia seguinte seria feriado, Artides conheceu um novo amigo, Bruno Antunes, que lhe procurou inventar um acontecimento que o ultrapassaria no futuro. Sabia Antunes para o que é que estava preparada aquela casa, aquele apart-hotel. Estavam ambos sentados na sala, conversando à meia hora sobre temas filosóficos entre os quais a política, depois de tirar o pó que se estendia e semeava sob o volume de Aristóteles. Janine apareceu e compreendeu que um deles seria seu homem naquela noite. Como iria fazer para perceber qual deles seria? Sentou-se e juntou-se à conversa. A felicidade de uns momentos estaria à sua espera? Ou seria apenas uma finta do destino e do impulso do desejo latente? Qual seria a sua razão de estar naquela sala, naquele apartamento? O certo é que Antunes revelou-se mais simpático do que o conservador Artides. Por via das dúvidas, aquele toureou a vaca que lhe saiu em sorte. E foram felizes por uma noite. Trocaram contactos. A coisa durou umas semanas, quase um mês. O dinheiro era pouco para manter uma relação estável...por isso apenas tinham na sua mais ínfima memória as recordações de noite de quentura e sexo desbragado.

15.

Palavras...leva-as o vento. Atitudes, não palavras. Nem sequer palavras de ordem? Que ordem de comando é essa que me persegue, já que estou num tom confessional? Até à saturação da mente através do olhar. Leia-se *Filosofia dos Corpos Misturados*, de Michel Serres. Está lá tudo e mais alguma coisa. Na pequenice cabe todo o mundo, a idade adulta é a idade da responsabilidade, para uns, da irresponsabilidade, para outros, entre os quais me incluo.

16.

Com uma certa paciência, a desolação poderei inesperadamente transformar-se em violência gratuita, chegando até mesmo aos inocentes, às crianças e jovens desprotegidos, deficientes motores e mentais. Sem café ou sem ele, alguma forma de ultrapassar o cansaço mental seria recorrendo a outros modelos mentais, já que o do Genaro estava estafado. Porque chamei a este texto fobia do lugar? Não será uma acusação ao leitor ou a mim próprio? Não será uma acusação ao próprio Deus, à hereditariedade, que se rebelou contra quem apenas quis nascer? E daí, quis também Genaro crescer, tendo encontrado e desencontrado amigos, comum como o comum dos mortais. Toda a gente passara por isso. E ele, aos 49 anos perdera a capacidade de chorar. Tornara-se cruel, inquisitivo, censor das atitudes dos outros. Enfim, perdera a ingenuidade. Perdera?

17.

Ainda assim, procurava uma existência, uma forma de existir, de persistir, de desistir, de ousar, de comandar, de respeitar. Não havia como sair daquele impasse. Estava encurralado, fazendo 190 km para lá e para cá, como quem faz, embora mais dificilmente, a costa leste a oeste da América. Muitos foram e nunca voltaram. Voltarão algum dia? Os espíritos (como n' A Casa dos Espíritos, de Isabel Allende) regressaria para se sossegarem ou confundirem? Sim, os espíritos, o espírito, se quiserem, estava para além das vozes e das satisfações, trocar dois minutos de prazer por uma vida por uma causa seria qualquer coisa de enigmático q.b....

18.

Seguimos, caminhando, passo atrás de passo, por entre os carros, as turbinas, os espíritos errantes em luz de pleno dia que cega quem se atreve a tornar-se imortal. Assim, com o cuidado necessário para com o Outro, Genaro e Olívia, sua segunda mulher, atreveram-se a rumar para norte e ocidente, para a terra do gelo que se chama Islândia, pois seus corpos consumiam-se em chamas um ao outro e precisavam de contagiar a doença do amor a pessoas frias e isoladas, provavelmente a um país que é uma ilha.

19.

Passageiro 019. A poucos instantes de entrar na câmara de teleportação. O mundo não quer saber dele e ele também. Por isso procura modo de viajar para o futuro, onde será torturado e seco ao sol, deixará de fumar, em vez de sangue nas veias terá algo parecido com óleo. O que se segue? O medo, a morte. Devido a tantas preocupações a sorte esfuma-se...

20.

Quando não há inspiração, procura-se respirar, mudar de actividade, como diria Pe. Carlos Silva. Daí que tentemos ser melhores, equi-vocando, ou seja, ouvir as vozes iguais e ao mesmo tempo dissonantes que se murmuram umas às outras na noite do dia. Sentia-se um sufoco invulgar naquele vão escada, preenchido por baldes de limpeza, meio cheios de água suja. Custava imenso lavar as escadas, porém, como se fizéssemos cada um o nosso trabalho, olhávamos indiferentes para aquele homem que passava para cima e para baixo, como se tivesse explicações a dar a alguém e não soubesse realmente encontrar esse alguém. Confiança, perseverança, abatimento, aquele homem parecia carregar o demónio às costas, contudo isso não o contagiava e estava são de espírito.

21.

Tentando contornar a situação que se lhe deparara, esse homem deixou de confiar nos elevadores, que pouco a pouco perdiam energia, e saía pelas escadas de emergência, talvez dando mau exemplo, bom sapatos lustrados pretos que batiam no cimento estranho dessas escadas e faziam estrilho, atraindo aqueles que vivem dependentes de substâncias psicoactivas. O problema criado, em vez do céu aberto do senso comum em que alguns, talvez muitos, viviam, estendera-se à vizinhança e a teia estava urdida. Dentro de poucos dias chegaria uma encomenda vinda dos Estados Unidos, nomeadamente da Califórnia, onde se fazia cinema de todos os géneros. Sorvera o bastante, este nosso personagem que por enquanto se julga anónimo, diante da televisão, avaliando, tecendo comentários, com amendoins e cerveja a acompanhar. Era um jogo da selecção...

22.

Estando distante, em mil tropelias que lhe espirravam na face, julgava-se morto para a vida, vivo para a morte. O verão aproximava-se e instalava-se, como se fosse a rua uma instalação brutal e cruel, em que as mensagens se passavam ora pela voz ora pelos sinais do corpo, uns tinham o sentido de dever, a maior parte tinha dever ao sentido. Mas vamos por partes: o inconsciente procurava satisfazer-se com imagens de um passado mais ou menos remoto; o homem, o que lhe urdiam... não era ele próprio que conduzia já a sua razão, não era dono da sua razão, o livre-arbitrio tinha tomado conta de alguém que passara a seu lado. Não demos por instantes nomes às pessoas. O que se passaria no mundo caso as pessoas não fossem conhecidas por nomes (palavras), mas por números?

23.

Ainda assim, esse homem, que chamamos provisoriamente de 20, viera de uma época distinta daquela que parqueava. Naquele instante em que estendeu a consciência para além do tolerável, apercebeu-se simplesmente que nada mais importava, que o estado de direito lhe urdia com todas as armas um complô que lhe testava as forças psíquicas e físicas, como se fosse um bode expiatório. Um fugitivo, procurado por alguém por um crime que não cometera. Parecendo ter ar de homem justo, buscava no aperfeiçoamento de carácter a sua defesa contra as manipulações que a sociedade lhe urdia e de que era vítima. Então, como ser vítima e carrasco ao mesmo tempo? Vítima sacrificial, como o filho de Jacob? As palavras esvaíam-se pelo ar que circulava na sua cela, célula nebulosa onde se sentia odor a tabaco caro e de boa qualidade, enquanto um escritor, a duzentos metros de distância, lhe copiava os ficheiros, ensaiando interpretações a partir da obra de Paul Ricoeur. Essa obra, inacabada, projectava-se no assustadoramente nos espíritos menos preparados, tal como quem faz zapping à toa diante da tv.

24.

Tendo no futuro a sua esperança, vivia confiando àquele vão de escada cheio de livros usados, desconfiando da liberdade que mal usara, porém, a encomenda chegaria dentro de alguns dias e nada de atômico tinha dentro. Talvez uma certa Filosofia dos Corpos Misturados, diremos nós a fim de nos justificarmos. Assim, para além da encomenda, o melhor estaria para vir, pelo que naqueles dias, Numert procurava conviver com a liberdade de expressão e critério que se presenteava naquele momento presente. Ainda assim, ao perder a sua religião, perdia os amigos, desfazia-se em explicações, perdia pouco a pouco a família. Não, o melhor não estava para vir. Estaria para vir o quê?

25.

Geria suas economias com alguma parcimônia, enquanto o governo desimpedia movimentos mais ou menos ondulantes do que se passava na mente das pessoas comum. E como era bom ser uma pessoa de bem, comum, usando o senso-comum para, ora fugir às artimanhas dos inimigos circunstanciais, ora aproveitando a energia que lhe davam. Mesmo assim, para Genaro, em viagem ou no regresso a casa, era difícil descer à normalidade, enquanto o transcendente que nele se movia o fazia estugar o passo à sombra de cada gota de água naquela noite de chuva permanente. Andava como se estivesse eternamente atrasado uma hora para uma entrevista de emprego. Os relógios, embora vindos da Suíça, não é preciso muita filosofia, estavam atrasados uns, adiantados outros. Apenas uma hora de diferença; era a consolação da filosofia que guiava Genaro e seus dois filhos, Frey e Jack.

26.

Mateus e Beck procuravam naquele dia de 14 de Dezembro de 1898, um refúgio que os protegesse das intempéries da savana. Surgiu um inglês que pediu whiskey e tirou conversa com eles. Beck, mais prolífico no inglês, conduzia a conversa. O que estaria aquele inglês a tramar? Decerto, como muitos, tinha vindo para o sul buscando algum relaxamento. Decerto que tomaria o avião para o Algarve, para pousar suas mágoas debedidas em algum resort de luxo. O que é felicidade para uns, sejam artistas ou o que forem é infelicidade para outros...ou será o contrário? Não sei, apenas vim ver a bola.

27.

As personagens acima aditados, nomeadamente Beck e Numert, tinham o que se chama clinicamente “fobia do lugar”, o que não teria de ser necessariamente negativo, haviam de conviver com isso, para além das vozes e dos vizinhos que se juntavam, porta atrás de porta, sondando seus pensamentos, seus passos no soalho. Assim, dia após dia, andavam irritados com a sua má sorte de terem sido fadados para a pandeleirice, coitados, ou bissexualidade, coitados, enfim, mas há orgulho neles que chegue para inflamar o mundo com bastante substância estomacal e agora até dizem que esses diferentes (ou indiferentes?) só dão beijinhos na boca e não têm nada de rabechice. Vai lá vai!...

28.

Sim, na verdade quando nos aproximamos muito de Artaud, corremos o risco de o ultrapassar, neste nossos itinerários dialogais, ao som de um pouco de música agradável como a luz de Lisboa é agradável a fotógrafos, cineastas ou simples turistas. Cá para o narrador isso não passa de um mito que a cidade ser mais visitada, a comida não é lá grande coisa e até os supermercados, sobretudo o Pingo Doce e o Minipreço têm, onde quer que se vá, as suas podridões escondidas, pelo que o consumidor deve ter os olhos bem abertos antes de ser roubado pela caixa ou o caixa...enfim, isto só poderia ser cómico, isso mesmo, no fim de tanta tragédia, nasceu a comédia.

29.

Somos um país de novelas, de princípios morais que estão sempre postos em causa pelo conflito entre matriarcado e patriarcado. E se o meu novelo não tem fim, quanto mais aqueles que se multiplicam pelas ruas de calçada portuguesa...

Por isso entendemos os militares, são eles que afinal guardam o território, que muitos franqueiam ilegalmente, com a ajuda de escritores e antropólogos e, veja-se de sociólogos e filósofos. Mas, enfim, como diria o outro "eles é que o ganham". Sim, o governo ganha, ganha pouco ou muito? Muito para o pouco que faz, decerto. Certo. Os homens gostam de futebol e mulheres, de cerveja e do deixar rolar. As mulheres gostam também. Mas de outras modalidades também. Como de seus filhos cadilhos. E que tem mais para dizer o narrador se se pretende aqui traçar um pequeno retrato destes anos em que vivemos, à beira do Século XXII?

30.

Tendemos a considerar, interpretando em nosso prejuízo, a dor que nos infligem, infringindo assim direitos humanos básicos. Ora, como vimos num filme onde Wesley era protagonista, há que aproveitar a força da dor para convertê-la em solidariedade para com os do nosso grupo. Isso é o mais básico da teoria social. Converter o mal que nos fazem em Bem não há quem. De certeza? Grande interrogação filosófica, esta, acima daquela sugerida por Camus... Ora, a dor, seja ela física ou mental, faz parte do crescimento na infância, adolescência e idade adulta, altura em que as maluquices são maiores ou talvez comparáveis à das anteriores idades. David le Breton muito dissertou a este respeito, fazendo também ele uma análise filantropológica da dor.

31.

Encontrámos hoje, dia quente, sem vento, um tesouro, uma palavra mágica: Zatopec. Que faremos com tal segredo? Nada, aparentemente, como se fosse um iceberg pronto a partir ao meio o Titanic. Mas nas profundezas do saber humano está decerto muito mais para descobrir. Talvez a tarefa de Genaro, de sua primeira e segunda mulheres, seria transmitir esse segredo, indo abaixo de água discernir de que seria feito esse iceberg, e o que lá estava escondido naquele rombo fatídico passado há duas centenas de anos...

32.

A Idade de Homem. A Idade de Cristo. Finalmente, chegamos a um número de sorte, ou azar, conforme as circunstâncias e os dizeres, as crenças e os anacolutos, as ânforas e as fontes que se comprimem exprimindo através do sangue aquilo que está dentro e tem de sair, qualquer que seja a forma de libertação. Pretende-se uma libertação controlada, de modo a o organismo social não implodir. E não é isso que está a acontecer ao país? Ao nosso país? Lentamente, estamos implodindo, porque não quisemos explodir ou talvez não tivéssemos, mais do que alma e técnica, história suficiente, para como os gregos, o fazer. Mas, enfim, isto é política. E nem só de política vive o homem. Deixem-me um pouco com Michel Leiris e Simone de Beauvoir...

33.

A pouco e pouco, o cansaço vencia-nos. Mas a fé, a confiança de que fala Emerson, estava lá, intacta, oscilante, intermitente, procurando por um novo dia em que se estendesse para além do nevoeiro matinal. Seria de esperar que desissemos de muitas coisas, mas insistiríamos...até quando? Como? E, sobretudo, o que mais nos interessa, Porquê? Sim, porquê nós e não os outros, o Outro disfarçado de Deus no Carnaval, exprimindo-se langorosa e desordenadamente, como se tentasse expelir de sua alma o grande Satão que lhe envolvia o corpo e se entranhara na sua existência...

34.

Naquelas horas, a encomenda demorava a chegar, iria destruir um pouco o mundo de Genaro, tinha-se ido abaixo quando percebeu que era uma simples personagem do filme Europa, de Lars von Trier. Não queria estar em consonância com os outros, encontrava-se acolhido na sua solidão, sem grandes ideias, despojado de suas mulheres. Seus filhos? Ao tempo que tinham ido, um para o Brasil, outro para Leste. Não recebia notícias dele há bastante tempo. Pelo que procurava na sua mente algum consolo para o seu coração quebrado, feito em pedaços, amanteigado. Precisava de um banho de multidão, de se sentir comum, quando a sua auto-estima estava puramente em baixo.

35.

Estava Genaro preparando um curso de filosofia, com o qual pretendia pagar um doutoramento. Não seria tempo de desistir? Não seria demasiado para si mesmo insistir? Afinal de contas, não era conhecido do grande público, nenhum dos seus romances, ficções, narrativas ou ensaios haviam sido publicados por uma grande editora. Mas ele era editor. Por isso dormia descansado. Não havia precisão de estar com tanta preocupação. Afinal, a um dia suceder-se-ia outro, ao som de um blues, tudo se escoava pelo prêdio abaixo...

36.

Naquela noite de verão, Genaro descobriu, escondido e agora revelado o futuro na sua mente, o futuro do seu corpo, a sua subsistência material. Contudo, seu quotidiano era banal e fazia piscinas na sala de estar, como que procurando um bom pensamento, que somente podia ler nos livros que rodeavam seu corpo. Chegado a um lago, que desembocaria no mar, Genaro tinha consciência de que remava na direcção errada, que havia ficado demasiado tempo agarrado ao perigo psicológico, pelo que remava contra a maré, em direcção ao futuro que o esperava, longe das suas mulheres e dos seus filhos.

37.

Genaro não era um foragido, como Papillon. Não havia errado, mesmo assim reconheceu o seu erro e vivia de consciência tranquila.

38.

Dentro em pouco haveria Genaro de comer uma sopa, esconder as cuecas ao lado do bidê, eternamente à espera de quem nunca chegava. Era tempo de explodir, em vez de implodir, era tempo de chamar qualquer entidade benfazeja, que o possuísse por inteiro noite dentro. Naquela cidade habitavam espíritos. No prédio, havia três ou quatro pessoas a trabalhar. Ele era uma delas. Entretanto, dedicou-se ao seu segundo romance, desta vez em inglês, sob o título seguinte: *Obscenity Against the State*. Pano para mangas, a terapia estava a caminho, desatava-se nos diálogos e vozes transviadas, necessária à obtenção de uma forma inacabada de uma primeira versão do texto. Sim, os antropólogos tinham dito tudo, porém chegara a vez dos filósofos e a filosofia que, parecendo pesada, era mais leve do que parecia...

39.

Forçando agora um pouco o ritmo, perdemos de vista personagens tais como Genaro e Beck, e mesmo Berg, pois embarcaram para o aeroporto, para outras latitudes e longitudes. Aqui fazia-se história dolosa. Toda a gente andava triste e desatinada, procurando assegurar meios de sobreviver, de esticar a corda para além do possível, para o impossível de que fala Georges Bataille, bem, não é tanto bem assim, quero dizer, não é esse o caso. A experiência sexual era, naqueles tempos de crise económica, o rosto da verdadeira crise. Que não significa crescimento, mas aleatoriedade, falta de sentido comunitário na maior parte da população, sobretudo entre os mais jovens. E acerca disto muito haveríamos de dizer caso fizéssemos uma análise sociológica da coisa, mas entretanto eis que perdemos um pouco de vida e reparamos que 98% da população de Lisboa anda a toque de cigarros e café...

40.

Chega por agora. Não insistas. Dói-te a cabeça? Não te queixes, ouve o silêncio dos carros passando diante de ti. Estás numa passadeira e por estares distraído contigo mesmo corres perigo de vida. E de morte. Vi o teu rosto antes de ler Lévinas, quis oferecer-te o livro, mas ando atarefado a tentar fazer melhor, apesar de não ter nenhum lugar académico, alguma coisa de positivo está para diante. Está tranquila. Eu afago esse rosta com as minhas mãos que afagam o meu e o teu corpo. Sim, precisava de desenvolver isto. Tu precisavas de mim. E eu aceitei e baixei a cabeça como se estivesse eternamente condenado a amar-te.

41.

O álcool fez-te mal. E as drogas deram-te fama literária e de outra coisa, junto do JetSet, mas enfim, voltaste a ti mesma, tal qual eras em criança. Doeu. Estavas preparada para isso. Mas quem sou eu para dar conselhos, se me escondo por detrás do meu Ego e não vejo nem heterónimos, nem Alter-Ego. Talvez seja o Outro que te anda a atazanar, talvez seja Deus, ou os deuses perdidos no interior da terra. Há uma linha que me separa de ti. Diz-me quando a poderei fraquear e diz-me, para que saiba, o melhor modo de o fazer sem te atormentar, sem te lesar...

42.

Esperavas por mim, porque não me falaste? Porque não te apresentaste? Eu disse-te o meu e nestes tempos que correm, como várias pessoas andam desconfiadas, tu sabes, trocam o que não devem trocar, afinal a democracia seja mais anárquica que a anarquia, eu disse-te o meu nome, esperava que retribuisses. Mas tu, no teu orgulho, mas sabias que eu tinha palavras para isto, escondidas como eu há demasiado tempo, há demasiadas décadas. Não fosse eu professor no Colégio João de Barros. E nada mais há para dizer, agora que comecei falando contigo, retiras a tua máscara, eu sei que os olhos me saltam quando leio tua beleza, deveria aqui citar um autor, mas guardo-o na minha cabeceira, quando e se lá chegares um dia.

43.

Exauri de escrever em português. Ainda bem que não desenvolvi o inglês, tua língua adversa, perversa, enganadora. Também a minha o é, deixei de interiorizar, porque afinal há muito que bebo como uma esponja, pois é claro que bebo, e estamos assim todos vivendo de morte, morrendo de vida. Isto exigiria outra análise socio-antropológica. Deixarei para ti essa tarefa, logo que hás-de pedir algumas explicações literárias e interdisciplinares. Como queiras, bebe o teu chá.

44.

Fala acerca do bloqueio. Contorna-o primeiro. Observa como se move, não, afinal não se move. É a tua consciência. O bloqueio? A morte num instante, mas espera...move-se devagar, como uma lesma. Repara no seu ponto fraco: deixa atrás de si um rastro. Um dia me disseram para nunca deixar rastro. O rastro é o seu ponto fraco. Basta seguires esse rastro, devagar, como ela, lesma ou caracol. Bom petisco. Bom atum.

45.

Eis que chegou então o dia em que Genaro, agora recuperado das suas maleitas da mente, por meio de inúmeros especialistas reputados mundial e localmente, partir para outras tarefas, uma delas a mais importante e para a qual não havia remissão, meio de voltar, teria de cavar bem fundo no assunto. Desempregado, teve a ideia de saber que fantasma o perseguia e naquele dia 10 de Junho de 1999 descobrira ser...Giordano Bruno! Estupefacto, não havia desculpas para a tarefa de entrega que o esperava. Tinha de cavar, cavar bem fundo na história e na filosofia, na história da filosofia, enfim, de tudo um pouco que esse filósofo maldito (hoje em dia já não era tanto). Compreendia assim porque havia vindo para Pombal, por via dos pombos, que faltavam em Nova Iorque, mas que abundavam em Lisboa, os mesmos pombos que se borravam sobre a estátua esquecida de Bruno, em Roma, se não me engano...

46.

No final de contas, Sócrates não era mau tipo, tirando o facto de ser pederasta, como muitos que o seguem, em nome de um saber absoluto e dissoluto. Aprendi de um professor catedrático que as regras são para serem infringidas, ora isto não cabe bem em termos de pedagogia, é como um monstro no manicómio, revolvendo a consciência do absoluto e da condição humana no seu mais decadente sentido. E quando sentimos a morte aproximando-se a passos largos, também não nos sentimos como que esclarecidos por um medo, um luto de morte, uma consciência do passado?

47.

Esta obra começou por ter um brilho próprio, ofuscado por uma pessoa que não merece consideração, mas enfim, em todo o lado há pessoas e lugares, tempo, espaço, células, diapasões...

48.

Fora do Lugar. Esta e outras patologias nos imputaram, remexendo a nossa consciência ética, no sentido de nos conduzir malignamente ao fim do mundo que eles habitam, que ele habita. Porém, optámos por mudar o nome, não só porque nos fazia sentir menos patologias com que nos classificaram, mas também por virmos na escrita uma forma de passar uma mensagem positiva ao leitor. Quanto ao resto, ainda acreditamos no livre arbítrio, no julgamento da história, nas forças que nos impelem para a frente, para o caminho que se vai fazendo no dealbar de um nova oportunidade de emprego, a que Genaro, reaparecido agora, pretendia entregar todas as suas forças, no sentido de demonstrar, no Mundo, que é apesar de tudo, da sua biografia, um autor, um pensador, um escritor. Eis um drama, entre muitos que se distribuem no quotidiano, de um mero escritor que ousou desafiar os deuses que o visitaram na sua vigília, à procura de ferramentas para gerar alquimia e conhecer novos territórios propícios à sobrevivência da espécie humana.

49.

O homem dialogal entrevem nos rostos do quotidiano uma friesta de convívio, de partilha, de veiculação da palavra, porém quando se inquieta com burocratas e jovens que lhe passam à frente sem mérito algum que não o das hormonas (terão as hormonas algo de meritório, neste caso? Obviamente que não!.. Os caminhos da floresta de Heidegger, estará ele aqui próximo, esse filósofo complicado, fruto de tempos conturbados e não muito distantes, embora tenha passado quase um século. É esse homem que dialoga com o Ser, o Ser-ai, a meio caminho de O Ser e o Tempo, nas proximidades imediatas da consciência do holocausto. A filo antropologia procurará também fazer filosofia a partir de Darfur, ou da Bósnia, como Bernard Henry-Lévi realizou.

50.

O pêndulo balança, como em tempos de infância do relógio de parede da casa do meu avô paterno e o cigarro ainda a arder do quarto do meu avô materno. Dois grandes homens, sim, falo de mim, dos outros também, etiqueto as pessoas para gerar, gerar sentido e distância, dosear a distância e a energia, recebendo e devolvendo palavras, sensações (diria Deleuze), estigmas e sons de amplexo vago e uniforme. O pêndulo é o Juízo Final, após o Apocalipse, após a tormentosa vida das almas, diria o Pe. Dâmaso da Rádio Renascença...há anos que oiço seus conselhos e a Bíblia de Jerusalém, em edição de bolso permanece com 68 por cento do seu odor original. Atrevo-me a perguntar a quem de direito terá incidindo em mim o que veio a seguir porvir por estas vãs e tormentosas palavras, enigmáticos problemas filosóficos que ainda se estão gerando na mente dos filósofos, que vivem assustados num país onde é difícil pensar, parar para pensar...não, não digo toda a verdade, na realidade o calor desculpa-nos de tudo, inclusive dos caracóis do cabelo que se perderam, dos caracóis e camarão que se degustam junto a duas cervejas meio vazias. Ou será meio-cheias?

51.

Ontem vi-te. Ontem rezei por ti em Fátima. Somos crentes. Tu e Eu. Eu e Nós. Devia lá ter ido. Afinal qualquer pessoa pode ficar doida, maluca, esquizoforme, misantropa, todos tempos essas patologias que nos transportam a tempos ínfimos...que não compreendemos senão pelo medo e pela música que brilha no escuro.

52.

Continuo à tua procura. Tu escondes-te e desafias-me o desejo, escapas-te entre as veredas da floresta em que habitamos, livre, correndo eu também livre atrás de ti. Cais por um instante e eu pergunto se tens um pé magoado, eu lambo-te a ferida como um cão, sou o teu cãozinho de estimação, se quiseres. Será pedir muito? Nada de escravatura sexual, de bondage e sadismo, apenas uma relação lógica e senti-mental. Pouco sexo, melhor, sexo regrado, boa alimentação, reduzindo nos vícios, fazendo um pouco de jogging. Assim se passam os meus dias. À tua procura, perdido em Lisboa, descobrindo no já conhecido qualquer coisa de novo e melhorado. Por vezes sinto-me extremamente cansado, como se tivesse a humanidade às minhas costas. Poderás tu livrar-me desse peso, não para ficar com ele, mas para me aliviar a mente, atulhada de teorias sociais e filosóficas. Ainda assim, desejo-te ao longe, pois estou no meu canto, fazendo o que quero como a minha irmã quer, ainda à tua procura. Talvez deva desistir de calcular a distância que vai do meu lugar ao teu lugar, ou estaremos ambos fora do lugar. Não emigrei, ainda aqui estou, em Lisboa, procurando as palavras certas para te seduzir, para te embevecer por mim, pelo meu corpo distorcido pela análise, endireitado pelo desejo, atrás e à frente, enfim, coisas que tu também entendes...

Sabes, acho que estamos perdidos algures no tempo, à espera e procurando, ao mesmo tempo, encontrarmo-nos, conjuntamente com os nossos, para nos entregarmos a uma vida cuidada e difícil, ao invés e aplacando a raiva que nos ruma e arruína o estômago.

53.

Acordamos atordoados com o barulho das luzes. Enquanto nos encaminhamos para o fim de qualquer coisa, ensaiamos o princípio de outra, bem mais poderosa e contumaz.

54.

Sabes, acho que fui caçado. É o que se diz estar feito ao bife. Descobriram a minha careca, o cabelo despega-se e a força esvai-se na procura, na demanda em busca de recordações que me fazem sentir especial. Para Ti. Tenho diante de mim muito trabalho, afinal nestes dias da cidade, noite após noite, dia após dia, aprendo a Estar, deixar um pouco de lado o Parecer, trazer para cima alguma da pureza que ainda estimo ter no meu âmago, no meu Ser.

55.

Recolhi da arrumação um pequenino carro do meu sobrinho. Trouxe-o para cima e juntei-o ao seu retrato. Talvez, não sendo pai biológico dele, seja afinal, pai sociológico. É o que se chama estar feito ao bife...mas não adoro o miúdo e quero vê-lo crescer, mesmo com a minha autoestima em baixo, vou sobrevivendo ao sabor dos ventos tempestuosos que se fazem sentir neste verão que agora começa, hoje, 21 de Junho. Dor de cabeça e cansaço. Genaro e os outros ficaram para trás, já lá vão dois dias. Eu procuro exercer a minha liberdade permitida de autor, aproveitando o lugar onde estou, estando fora, também estou dentro, digamos que estou na intersecção de dois segmentos de igual qualidade.

56.

A raiva contém-se, nestes dias de calor em que distraídas as pessoas se encaminham para as praias, enquanto o país vai de vela. Não percebo, nunca percebi os portugueses, nem sequer percebo porque sou um deles. Nesse tempo, estava então, cada vez mais, fora do lugar, meio anatómico habitando uma divisão de um prédio estranho, com estranhas movimentações de pessoas. Parecia nada mudar, no entanto algo mudava na minha mente, estava disposto a não investir minhas energias mais nesta terra e porventura zarpar para um lugar mais prolífico, mesmo que fosse mais nocivo para a saúde. Esperara demasiado tempo, a filosofia estava longe, dentro do pânico que quase me fazia implodir de raiva, culpava-me a mim mesmo, era isso que a minha família dizia de mim, que eu era o culpado da minha situação. Ainda assim, no meio desta raiva contida a custo, havia que ter calma. Só para não estragar a saúde dos nervos. “Sabes o que é um conas?” –dizia o meu pai. “Sabes o que é um rabeta?” –dizia o meu pai. Tudo isso me martelava desde pequeno, a sua ortodoxia bacoca, quando sabia que ele fora o primeiro a falhar. Tinha estado demasiado tempo perto dele. Pouco ou nada tinha aprendido com a sua mentalidade e a daquela aldeia maldita, onde nada mudava, onde os protagonistas eram sempre os mesmo, enfim, algum realismo. E voltava vezes sem conta àquele lugar, fora do tempo, sonhando morrer estudando filosofia, no cadeirão da Casa do Jardim, enquanto procurava dentro de mim mesmo alguma hipóteses para me manter perto de algum reduto de civilização, que no imediato seria Lisboa. Mas já nem Lisboa me dizia alguma coisa. Estava farto destes dois lugares. E julgava que tinha sido esquecido. Sim, poderia ter feito muito mais. Mas fora, na verdade, esquecido. Estava ali, numa fracção de tempo limitada, limitado a mim mesmo e às minhas eternas razões e palavras. E por mais palavras que debitasse, mais em no erro poderia cair. Por isso, aprendi a ter receio e cuidado com as palavras.

57.

Estava habituado à solidão. Há muito tempo que não chorava. Perdia pouco a pouco a emoção. E a vontade de amar. Só me restava a esperança e alguma comida e tabaco para continuar esta narrativa. E hoje teria de correr, porque a injustiça de que tenho sido alvo não tem clamor nem voz, é surda como a falta de liberdade de expressão que se vive neste momento em Portugal. Não faria uma análise política ou um discurso de autodefesa, pois talvez não tenha o dom da palavra. Mas não me acuso de dizer palavras em vão.

58.

Daqui a dois meses desligo a Internet. Irei a postos públicos de quando em vez, para ver o email. Terei coragem para aguentar tanto tempo, tempo até ao resto dos meus dias? Talvez tenha. Por vezes é preciso dizer não e está na hora de um rotundo NÃO!

59.

O mesmo devia acontecer com a televisão. Farto de vidas vazias como a minha. Cansado de não amar. Cansado de tanta notícia, sobre todos, quando o que vejo é que cada qual se esforça para mostrar ao grupo que é válido, necessário e parte desta vida com esse consolo. Só isso lhes importa. A mim pouco me importa. Não vivo em função dos outros. Será esta razão de existir uma certa forma de egoísmo? Não creio, será apenas mais uma de entre muitas formas de tomar o comprimido da realidade.

60.

Regressamos ao lugar de encontro, à mesma instância que nos permite dar sentido às palavras, aos conceitos, desenvolver uma história, pois precisamos dos personagens para atrás deles, de suas máscaras, nos escondermos. Não se trata de um acto de cobardia literária, mas talvez de uma forma de dissimulação, de esquecimento da filosofia. Desta vez, mais uma vez, optamos pelo comprimido da ilusão, e estamos fora da Matrix, já fora do eixo da realidade. É a nossa única salvação. Deixarmo-nos levar...para quê tanta obsessão e tantos motivos e referências se mesmo estando agarrados a eles como tábua de salvação ainda duvidamos? Deixemos ir as referências, ou melhor, procuremos outras, outros sentidos, outras manifestações nestes dias de rotina bacoca.

61.

Sem enervamento. Como quem desespera esperando a morte. Uma morte suave e delicada, como se mais uma batida de coração se se tratasse. Afinal não é isso que muitos querem? Que a morte dos outros os acorde para a vida de si próprios? É isso que parece acontecer. Entretanto, Márcia não aparecera naqueles dias, à hora combinada. Teria decerto outros afazeres, outros encontros, enquanto eu, preocupado em sobreviver, me procurava dentro de mim, quando afinal muitos outros tinham culpa. De eu estar ainda aqui. Sim, não era somente problema meu o que se passava naquele país, que parecia um país de outrora, uma Terra Seca onde nada de húmido se insinuava na paisagem. Era terrífico como o país ardia, em todos os sentidos, e eu não vislumbrava o rosto de Márcia...

62.

Sim, na verdade as pessoas estavam se suicidando. Também eu, que naquela tarde deveria ter ido correr para fortalecer o coração e criar saúde, fiquei enfeixado em casa às voltas, fazendo piscinas, pensando nalguma coisa, em pouca coisa, perdendo a inspiração e recuperando-a com uma ponta de cigarro e um pouco de café frio. Como a net não me dava boas notícias, tomei a decisão de a entregar à minha irmã. Como não iria fazer doutoramento, tomei decisão de voltar à escrita, à minha escrita, que era a de muitos que estavam em igual condição que eu mesmo.

63.

Parei por uns instantes para descansar. Nem que me falassem de Márcia, já não queria saber dela. Virei costas ao mundo. Pediam-me as vozes interiores que não desistisse, que fosse à luta, que tinha de fazer jus ao meu nome. Mas por vezes é preciso desistir. Parei, depois de parar. E continuei, depois de continuar.

64.

Vivia então, de fora, de fora do lugar, numa ilusão própria, parecida com a de Antero de Quental. Seria como uma ilha, uma pequena maravilha estancada no meio do oceano revoltoso. Lembrei-me, afinal, que pouco ou nada sabia da obra deste autor. Mas era tarde para saber. Estava decidido a esquecer, a viver agora esquecido, a esquecer-me para mim próprio, a deixar passar ao lado as críticas e autocríticas que me fustigavam o espírito. Tornar-me-ia, finalmente, Indiferente, eu que tão dura e selvaticamente esconjurara aqueles que simplesmente não querem saber. Era agora num deles. Tinha o meu grupo, finalmente.

65.

Precisava de fazer a barba. A casa que habitava não tinha candeeiros. Tinha dois quadros espetados em duas paredes, entre as quais a do quarto. Não esperava por ninguém, pelo menos que soubesse. Nem pela morte. Nem pela vida que me corria nas veias. De uma maneira ou de outra, não encontrava bloqueios quando falava de mim, pois sabia que falando de mim falaria por todos aqueles com quem me havia cruzado há dias, numa passado próximo ou remoto. Essa era a minha maneira de ser escrito.

66.

Não corria já contra o tempo, estaria naquela noite alguém comigo, depois de versados os contratempos com que ambos nos habituámos a viver. Sabia que alguém estaria algures na noite, só, como eu. Seria para essa pessoa toda a minha escrita e ansiava por esse encontro, fosse aqui, fosse num outro lugar, mesmo num não-lugar, numa passagem para um precipício de amor e nós dois andaríamos romanticamente afanados um com o outro, chocando nossas consciências e absorvendo-se uma à outra como plasma, como água com água. Nesse dia 24 de Março de 1657, percorri todos os obstáculos que um cavaleiro pode ter diante de si e de seu cavalo, tal como o digno Quixote, que me tinha trespassado mais do que eu. E calcorreei caminhos, passando fome e frio encontrando por fim Márcia perdida à beira de um regato, tal como Narciso, vendo seu reflexo nas águas tranquilas, pelo que tive de me declarar, pois estranha e difícil de compreender é esta cousa do amor, que se sente por dentro e que não se sabe exportar para a fala tão facilmente como noutros tempos, noutras palavras.

67.

Assim encontrado com Márcia, discutimos os vários assuntos a fim de nos arranjarmos da melhor maneira possível, naqueles tempos de toca e fuge, enfim, a Idade Média não era para brincadeiras, bem o dissera Braudel na sua clássica obra. Sonhava, séculos depois, com tudo aquilo que eram os anos de instâncias diversas e insistentes no meu coração entre eu próprio, cavaleiro D.Manuel II e Márcia, que de fina estirpe não tinha muito mas muito se procurava ter com as conquistas do quotidiano e as batalhas do progresso dos minutos que então se mediam por luas. E a lua nova já tinha passado. Estive perdido nessa noite, sem poder olhar para trás, pois corria o risco de como Eneias me cegar, estaríamos no Inferno? Não, essa noite era infinita e não havia razão de ser para tanta interrogação. Eu e ela éramos dois pontos de interrogação. Daí a minha amizade com o cavaleiro Dom Quixote e seu compincha Sancho Pança.

68.

Aos poucos, o vigor físico se ia perdendo, enquanto se montava também Márcia em minhas costas. Procurávamos uma terra agradável para assentar. Pelo menos por uns tempos. Sabíamos que se situaria algures em Hespanha, mas nem no nosso espírito, consciente ou subconsciente suspeitávamos que terra seria essa. Uma ilha, uma aldeia, uma cidade? A mínima ideia...

69.

Nossa viagem por terras distantes umas das outras parecia não ter fim. Estávamos fartos de Hespânia, tínhamos de rumar para outro lugar, não adianta explorar o que está já minado à nascença. Pelo que prosseguimos por terra, para norte, mais exactamente para nordeste, sempre por terra, montados no nosso cavalo, eu seria o Quixote, Márcia atrás de mim cansada e atemorizada por estar em terras de franceses, de que não percebíamos os hábitos e costumes. Era tão grande o sarilho que num desses dias, que parecia uma noite interminável, como dissemos há pouco, demos com uma herdade de touros, pois, que os havia no sul de França e foi a ver se Rocinante dava o mais que pudesse, tal Secretariat ou Hidalgo de Hollywood. Acabámos a noite numa estrebaria e num desses bares medievais que tanto e tanto são representados em filmes de época. É fazer as contas, como diz o outro...

70.

Mas deixemos de parte este nosso romance, pois afinal nos esquecemos de quem fomos e de quem seremos, estando assim entregues ao eterno e infinito esquecimento, razão pela qual não há Bem ou Mal que se compare um ao outro, pois disso vive o povo e afinal de contas por mais que tentemos entrar na mente dos outros, nem um só homem agradou a todos e nós nem sequer ousamos ter essa pretensão. O homem ingere muitas substâncias e por vezes nem o calor e o estiolado tempo lhe parece favorecer as hormonas, pelo que às vezes sabe melhor fumar um cigarrito ao frio e apenas imaginar dormindo. Sim, dormindo com o inimigo que poderá ser um heterónimo, de entre tantos que fomos criando ao longo do tempo, nas sucessivas e óbvias vagas da nossa tenebrosa existência. Que mais haverá para dizer que não conseguimos levar uma vida normal, que de tanto procurar aventuras encontrámos desventuras e tantas de tão grande tamanho que não cabem em mil livros de 500 páginas cada!...

71.

Pelo que nos apercebemos a maior parte continua católica mas nem sequer acredita na religião ou se a pratica não é dado a nossos vê-lo. Nem tivemos nunca o propósito de sondar essa existência errante que percorre também o nosso espírito que tem agora o desenho de uma espiral que leva a uma torre sineira à qual conduz uma escadaria em cimento vivo sem amparos. Prossigamos então indagando algo de válido, escarafunchando na nossa mente tudo o que é necessário para que o dia renda, de uma maneira ou de outra já a noite vai longa desde a Idade Média e mantém-se assim até que uma luz surja depois do acontecimento, depois de uma particularidade chamada inspiração se acabe e se dê lugar ao sono da Razão. Pois, nem só de tormentos vive o homem e as dores deitaram-nos por terra muitas vezes, já que se nos podemos defender, então que o façamos com estilo e sem redundâncias.

72.

Mas a questão que parece complicada é bem mais simples, pois onde não há culpa, não há caso nem advogado, apenas semblantes que se transmutam na luz do dia, na claridade das espécies distintas de seres vivos que povoam o organismo Terra. E se à martela tem de ser, que seja, pois Nietzsche algum progresso trouxe à compreensão da religião, ele próprio a defendia e nem nós nos achamos culpados de coisa algum, apenas queremos devolver palavras que roubámos aos outros, pelo que os direitos de autor são aqui dispensados, portanto a obra não precisa de ser defendida, nem por um advogado de Deus, nem por um do Diabo, porque se assemelha a algo de universal. Tão universal como a música, e sendo que nenhuma língua é universal, que seja música as palavras que se seguem.

73.

Pensemos por um pouco. Números, teoremas, figuras geométricas, datas, lugares...foge-nos qualquer coisa? Uma intriga, um enredo...decerto que estamos vivendo outra época nesta época que nos alimenta. Por isso nos estranha a comida e temos dificuldade em obrar, vá-se lá saber da rabechice da coisa que não é coisa nenhuma que espante, pois em diferentes épocas e momentos, sim, momentos, da história, aconteceram coisas do género a muito boa gente. E era boa gente. Aqui também não há caso nem negação nem nada a assumir, porque palavras leva-as o vento e afinal de contas o mistério da natureza humana não se pode considerar a digladição de grupos entre si mas a luta dos indivíduos, em termos de rito de passagem, em se assumir como membro do grupo, provando que é adulto. Mas isso é já outra história. Mais preocupados do que nós estarão outros, de uma maneira ou de outra. E muitos ficaram pelo caminho sem nada dizerem, sem se poderem manifestar, em defesa ou prejuízo de si próprios, pelo que afinal estamos gratos por ter aqui chegado com o beneplácito monetário da família, que não dos sombreros das instituições ou dos grupos, mas à custa do desprestígio na aldeia que não é nossa e de nossa família porventura. E afinal, perguntava Heidegger, o que é pensar? O que é existir? Quem se contenta? Tudo passa? O que permanece? O que de valor permanece se palavras as leva o vento? Neste sentido, não há certezas e ainda bem, pois é sinal de que o futuro está para vir, em seu porvir trará momentos e marcas melhores do que aquelas que padronizámos agora, por instantes de distracção.

74.

Perdidas as interrogações existenciais no particular e filosóficas no geral, perdidos os personagens, o que nos resta? Sim, o que sobra da metafísica dos actores? O que nos sobra senão o que a própria noite esconde, por entre arvoredos e cimento, enquanto os passarinhos estão recantados em seus ninhos e as gaivotas dormitam no lodo do cais? O que nos sobra senão a solidão no existir e um mundo ainda por escrever, por descrever, um mundo assimilado a potes como uma esponja que foi o que o nosso cérebro se tornou. Portanto, não há falta de água, pelo que podem privatizá-la à vontade que um destes dias até vai deixar de chover...

75.

Perguntamos em vez de nos perguntarmos. Além da metafísica virá a física e a maquinação das coisas, por assim dizer, a distância deixada ao acaso ou pretendida conforme as volições e tensões imanentes a que é fiscalista ou fisicista, o que quer que isso queira dizer. Deixemos então máquinas e homens ao acaso, pretendendo-se uns aos outros, que temos muito trabalho para fazer, que seja debitar tudo o que absorvemos durante todos estes tempos votados ao dispositivo inamovível.

76.

Sabes o que faria com cem mil euros? Não o gastava em putas, como tu, em falsas amizades, em românticas de pinga amor que tornam o país miserável. Falas de Deus? Fala antes do Diabo que te persegue, pois tu nem sequer és humano. De onde há, muito mais virá, pois sou santo, metido entre putas e paneiros, ainda assim santo porque não tenho dinheiro e o que tenho foi-me dado para estar a debitar letras a gajos sem salero como TU.

77.

Sabes o que é viver mais de vinte anos numa cidade sem trabalhar, apenas, apenas porque...porque há um estigma. Como se retirem os estigmas? Sabes? Não sabes, nem sequer com exorcistas. Através de uma coisa mais simples que não mereces que te diga agora. Poderás, se tiveres direito a isso, descobri-lo com o tempo. Enquanto isso, eu distraio-me e outros distraem-se, comigo ou sem mim, pouco importa.

78.

Estava sendo duro para comigo mesmo e para com os outros. Não tinha necessidade disso, era um mero civil procurando fazer o melhor.

79.

Tendo esperado pelo regresso de sua primeira amada, Justino procurava recuperar o tempo perdido, ou ganhar dinheiro para poder aventurar-se nas

expectativas que para ele pareciam goradas. De tanto esperar, Justino lançou-se a outras águas, na expectativa de encontrar, fora da clareira, algo que o fizesse regressar ao seu íntimo que muitos tinham por inconstante. Assim, o seu desafio pessoal seria envolver-se com determinadas pessoas de modo a poder esgueirar uma leve esperança de reconciliação consigo próprio, pois somente assim poderia estabelecer ligação com uma outra pessoa. Nesse sentido, veio a encontrar outras clareiras que lhe lembravam noite de chuva em que sozinho olhava para o lume lendo acompanhado de Bachelard, o autor de *Psicanálise do Fogo*. Há quanto tempo fora isso! Leituras de adolescência, que se misturavam com livros policiais e das aventuras de Júlio Verne que o tio da Marinha lhe trazia quando pequeno. Vibrava com a expectativa também, do correio, das cartas que recebia do norte e de África, de seus amigos que se correspondiam numa benéfica amizade quase religiosa.

Prosa poética escrita no terceiro
trimestre de 2013

